

## **Apresentação de *Matteo Ricci: Na Cidade Proibida* de Dufaux e Jamar**

Igreja de São Roque, 12 de Outubro de 2023

O livro que aqui nos traz hoje baseia-se na história de um dos mais famosos missionários jesuítas. Nascido em Macerata a 6 de Outubro de 1552, Matteo Ricci foi para Roma para estudar direito na Universidade La Sapienza em 1568. Três anos depois, em 1571 entrou no Noviciado da Companhia de Jesus no Monte Quirinal. Em 1576, o jesuíta português Martim da Silva viajou para Roma com o objectivo de recrutar missionários para as Índias Orientais. Movidos pelo desejo de servir nas missões da assistência Lusitana, e respondendo ao apelo de Martim da Silva, Matteo Ricci e sete outros companheiros viajaram para Lisboa. Com a autorização do Superior Geral, Everardo Mercuriano, Ricci embarcou para a Índia no dia 23 de Março de 1578. O jesuíta italiano tinha então 25 anos. Nunca mais voltaria a Roma, nem a Macerata, acabando por morrer em Pequim no dia 11 de Maio de 1610.

*Matteo Ricci: Na Cidade Proibida* foca o período mais significativo (e por isso também o mais estudado) da vida do jesuíta italiano, isto é o período de 9 anos em que viveu na cidade imperial. Ao longo do livro, os autores fazem alusão a temas da maior importância para a história das missões jesuítas na China, como a célebre controvérsia dos ritos chineses (pp. 7–8); o papel da matemática e da astronomia na aceitação e consolidação da posição dos jesuítas em Pequim; e a acomodação à língua, cultura, roupas e costumes locais.

A comitiva jesuíta entrou na capital imperial na véspera do novo ano chinês, isto é, no dia 24 de Janeiro de 1601. Seguindo a tradição, traziam consigo uma série de presentes para oferecer ao imperador, nomeadamente:

1. Três pinturas religiosas, representando 1) Cristo; 2) A Virgem Maria com Jesus e São João Baptista; e 3) A Virgem Maria somente. Esta última pintura era uma cópia de um quadro célebre da Igreja de Santa Maria Maior em Roma;
2. Um breviário;
3. Um crucifixo ricamente decorado com relíquias, pérolas e vidros de diferentes cores;
4. Uma cópia do atlas de Abraham Ortelius;
  - a. Publicado em 1570 e constituído por 53 mapas, o *Theatrum Orbis Terrarum* foi o primeiro atlas moderno.
5. Um grande relógio mecânico, feito de ferro e decorado com dragões, e um relógio menor, do tamanho de um palmo, feito de um metal brilhante e decorado com gravuras

6. Dois prismas
7. Vidros e espelhos
8. Um clavicórdio
9. Um corno de rinoceronte
10. Duas ampulhetas
11. Cintos, tecidos e moedas europeias

Não querendo desvendar já toda a história, gostava apenas de salientar que os presentes são da maior importância para a narrativa de Jean Dufaux.

No livro, as personagens principais são as seguintes:

**Personagens principais:**

- Jesuítas: Matteo Ricci (Li Madou), Sebastião Fernandes (Macaense; irmão jesuíta) e Diego Pantoja
- Eunuco Ma Tang
- Imperador Wanli (1563–1620, r. 1573–1620)
- Imperatriz e a Imperatriz-Mãe;
- Lin Yu, rapariga resgatada por Matteo Ricci;
- Li Yingshi, da guarda imperial;
- Huang Hui, letrado e académico chinês.

Outras personagens:

- Inquisidor Herrera (não existiu);
- Venerável T'sai Hsu-T'sai (responsável pelas embaixadas estrangeiras).

Personagens ausentes:

- Manuel Pereira, jesuíta;
- Yu Jideng, Ministro dos Ritos (Jurisdição sobre todos os tributários estrangeiros);
- Zhu Gouzuo, Ministro dos Ritos (na prática);
- Fenq Qi, Ministro dos Ritos.

## **Alguns episódios relevantes na BD e na história de Matteo Ricci**

### **1. A visita de Ma Tang (representada nas páginas 3 a 6):**

Ma Tang foi o intermediário da comitiva dos jesuítas junto da corte imperial. Tratou de instalar os jesuítas num templo dentro das muralhas da cidade e de guardar os presentes num armazém oficial. Pouco depois da chegada a Pequim, Ma Tang visitou os jesuítas, acusando-os de estarem a esconder jóias preciosas nas suas bagagens. Os soldados revistaram os bens dos jesuítas, mas não encontraram nada de valor, o que enfureceu o eunuco. Porém, um dos soldados encontrou um objecto peculiar, um crucifixo de madeira, pertencente a Diego de Pantoja. Estupefacto com a figura de Cristo pregado na cruz, Ma Tang gritou “Este é um instrumento que tu mandaste fazer para matar o nosso emperador” (Hsia, 2010: 204). A principal diferença entre a narrativa histórica—que aqui resumi—e a ficcionada, é que na segunda Ma Tang insinua que o crucifixo não seria para matar o imperador, mas sim para o enfeitiçar.

### **2. A conversão de Li Yingshi (pp. 37, 38 e 42):**

Atraído pelos conhecimentos matemáticos e astronómicos de Ricci, Li Yingshi converteu-se em 1602. Letrado, profundo conhecedor do Daoísmo e do Budismo, dedicava-se sobretudo à astrologia e à geomancia. Queimou todos os livros de artes divinatórias publicamente depois da conversão. A seguir, converteu toda a sua família e servos (Hsia, 2010: 246).

### **3. As correcções ao *Verdadeiro significado do Senhor dos Céus* (pp. 38 e 39):**

Huang Hui leu uma versão de uma das principais obras de Matteo Ricci, “O verdadeiro significado do Senhor dos Céus”. Neste tratado, Ricci procurava harmonizar o Confucionismo e o Cristianismo, com o objectivo claro de persuadir e converter os letrados chineses. Relutante em ofender um académico tão distinto como Huang Hui, Ricci acabou por incorporar as críticas do Mandarim na versão final do seu tratado, impresso pela primeira vez em 1603 (Hsia, 2010: 225).

### **4. Matteo Ricci e Wanli (pp. 26 a 28):**

O imperador tinha um preconceito contra os mandarins; e não queria recebê-los em audiência. Mas estava muito interessado nos jesuítas. Por isso, ordenou a dois pintores da corte que pintassem retratos de Ricci e Pantoja (que na opinião de Pantoja, não se assemelhavam, de todo, aos modelos). Wanli estava muito curioso sobre o funcionamento dos instrumentos mecânicos ocidentais. Frustrado por não tocarem, ordenou a Ricci e a

Pantoja que entrassem na Cidade Proibida para ensinar quatro matemáticos (eunucos) a trabalhar com os relógios. Depois pediu para ouvir música ocidental no Clavicórdio; Pantoja tornou-se no mestre de quatro músicos (eunucos) e Ricci traduziu 8 canções europeias para Chinês, usando as palavras Shangdi (Deus nas Alturas), Tian (Céus) e Tianshen (Anjos) para insinuar uma mensagem cristã. As lições levaram mais de um mês. Nesse período, os jesuítas ficaram instalados numa casa fora do palácio proibido, sob a vigilância apertada de Ma Tang (Hsia, 2010: 207–208). A diferença mais substancial entre a narrativa história e a obra de Dufaux e Jamar é que, nesta última, a protagonista do episódio dos relógios é Lin Yu, e não Diego Pantoja.

### **5. Estadia no Palácio dos Bárbaros (p. 10):**

Entre Março e Maio de 1601, os jesuítas estiveram alojados no Palácio dos Bárbaros. O Palácio dos Bárbaros tinha centenas de quartos para alojar aqueles que vinham prestar tributo ao imperador (turcos, árabes, mogóis, persas, tibetanos, etc.) As oferendas eram habitualmente de pouco valor; as despesas na China eram todas pagas, e a submissão ao imperador era recompensada principescamente com seda, porcelana e ruibarbo. Com excepção dos coreanos, os estrangeiros eram tratados com formalidade, mas com pouco respeito no Palácio dos Bárbaros. Em 1601, os jesuítas eram os únicos europeus lá alojados (Hsia, 2010: 209). Em Março desse ano, pouco depois de se mudarem para o Palácio dos Bárbaros, os jesuítas foram escoltados ao Palácio Imperial e ajoelharam-se perante um trono vazio. Foram recebidos pelo Ministro dos Ritos e voltaram para o Palácio dos Bárbaros (Hsia, 2010: 210). Depois da visita ao trono, os jesuítas disseram a Zhu Gouzuo que queriam ficar na China para pregar as doutrinas cristãs. Tal como é indicado no livro, Matteo Ricci nunca chegou a encontrar-se pessoalmente com o imperador.

Entre 1601 e 1610, Ricci recebeu visitas dos mais altos dignatários Ming e conversou com eles sobre os costumes e leis do Ocidente, introduzindo, sempre que possível, as doutrinas cristãs (Hsia, 2010: 212). Além de *O Verdadeiro significado do Senhor dos Céus*, Ricci traduziu os *Elementos* de Euclides para chinês. Neste período, construiu ainda relógios de sol, globos, quadrantes e outros instrumentos astronómicos para oferecer aos seus interlocutores chineses.

\*\*\*

Matteo Ricci morreu em Pequim no dia 11 de Maio de 1610. Foi sepultado pelos seus companheiros jesuítas no dia 1 de Novembro de 1611 fora das muralhas de Beijing num antigo templo budista, convertido numa igreja católica por especial mercê do imperador e precisamente para esse efeito.

Um século depois da fundação da missão em 1601, havia cerca de 200 000 conversos na China. Em 1701 viviam na China 151 clérigos, incluindo 91 jesuítas (82 padres europeus e 9 padres chineses) (Hsia, 2010: 296). A situação, como é sabido, alterou-se no reinado de Kangxi. Desagrado com a resolução papal sobre a controvérsia dos ritos chineses em 1715, o imperador Qing proibiu o Cristianismo em 1721.

A vida e obra do Matteo Ricci têm sido alvo de vários estudos. Só nos últimos anos foram publicadas, pelo menos, quatro biografias de referência. No livro, os autores referem-se explicitamente a duas delas:

1. Michela Fontana, *Matteo Ricci. Un gesuita alla corte dei Ming* (Milão, 2005; tradução francesa em 2010, inglesa em 2011);
2. Vincent Cronin, *Matteo Ricci: Le sage venu de l'Occident* (2010, tradução inglesa de 2016). [NB: Criticado por Ronni Po-Chia Hsia por não saber chinês, a língua em que estão escritos os textos mais importantes de Matteo Ricci].

Além das obras de Fontana e Cronin, são ainda de salientar:

1. Ronnie Po-Chia Hsia, *A Jesuit in the Forbidden City: Matteo Ricci, 1552–1610* (Oxford, 2010);
2. Mary Laven, *Mission to China: Matteo Ricci and the Jesuit Encounter with the East* (Londres, 2011).

Bem escrito, magnificamente ilustrado e alicerçado em investigação histórica de qualidade, o livro que aqui nos traz hoje é um excelente exemplo de como se pode tornar uma história com 400 anos apelativa para o público geral. Resta, agora esperar, que o sucesso desta obra possa inspirar Dufaux e Jamar a colaborar novamente na edição de novas histórias deste género, aliando o rigor histórico à criatividade.

**Francisco Malta Romeiras**

CIUHCT, Universidade de Lisboa